



Motivações para a criação de agroindústrias familiares por mulheres rurais: evidências do COREDE-Centro/RS

Motivations for the Establishment of Family Agro-Industries by Rural Women: Evidence from the COREDE-Centro/RS Region, Brazil

Angeliza Quatrin da Silva Batista

Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões. Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

Rosani Marisa Spanevello

Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões. Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

Mariele Boscardin

Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: A inserção de mulheres rurais nas agroindústrias familiares tem se consolidado como uma estratégia relevante para a geração de renda, diversificação produtiva e fortalecimento do desenvolvimento rural. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar as principais motivações que levam mulheres rurais à criação de agroindústrias familiares na região do COREDE-Centro, no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, de natureza descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica e em dados empíricos obtidos por meio de 21 entrevistas semiestruturadas, realizadas com mulheres atuantes na produção e gestão de agroindústrias familiares legalizadas. A identificação das unidades ocorreu com base em informações do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF) e com o apoio da Emater/RS-Ascar. Os resultados evidenciam que as motivações são multifatoriais, destacando-se a sucessão geracional e a transmissão de saberes familiares como fatores predominantes, evidenciando a centralidade da família na organização produtiva. Também se destacam o incentivo de instituições de apoio, como Emater e Sebrae, bem como a inserção em mercados institucionais, a exemplo da alimentação escolar. Além disso, fatores econômicos, como a geração e complementação de renda, e aspectos subjetivos, como a busca por autonomia, reconhecimento social e valorização de práticas tradicionais, mostraram-se como motivos para criar as agroindústrias. Conclui-se que as agroindústrias familiares desempenham papel estratégico na reprodução social das famílias rurais e na promoção do protagonismo feminino no meio rural.

Palavras-chave: Mulheres, agroindústrias, desenvolvimento rural.

Abstract: The integration of rural women into family agro-industries has been consolidated as a relevant strategy for income generation, productive diversification, and the strengthening of rural development. In this context, the present study aims to analyze the main motivations that lead rural women to establish family agro-industries in the COREDE-Centro region, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. The research is qualitative and descriptive in nature, based on a bibliographic review and empirical data obtained through 21 semi-structured interviews conducted with women engaged in the production and management of legalized family agro-industries. The identification of the units was based on data from the State Program for Family Agro-Industry (PEAF), with support from Emater/RS-Ascar. The results indicate that motivations are multifactorial, with generational succession and the transmission of family knowledge standing out as predominant factors, highlighting the central role of the family in productive organization. Institutional support, such as that provided by Emater and Sebrae, as well as access to institutional markets, such as school feeding programs, also play an important role. In addition, economic factors, such as income generation and diversification, and subjective aspects, including the search for autonomy, social recognition, and the appreciation of traditional practices, were identified as relevant motivations. It is concluded that family agro-industries play a strategic role in the social reproduction of rural families and in promoting women's protagonism in rural areas.

Keywords: Women, family agro-industries, rural development.



1. Introdução

A agricultura familiar ocupa papel central na produção de alimentos e no desenvolvimento rural brasileiro, sendo caracterizada pela diversificação produtiva, uso intensivo de mão de obra familiar e forte vínculo com o território (Schneider, 2010). Nesse contexto, a agroindustrialização surge como estratégia relevante para a agregação de valor à produção, ampliação da renda e fortalecimento da autonomia das famílias rurais. Essa dinâmica está inserida em um processo mais amplo de diversificação das atividades no meio rural, marcado pela crescente incorporação de atividades não agrícolas, a qual tem se intensificado nos últimos anos (Gazola, 2013).

De acordo com Barros, Almeida e Castro (2019), entre 2012 e 2018, a participação do emprego não agrícola entre residentes rurais aumentou de 41,5% para 47,5%, evidenciando uma reconfiguração das dinâmicas produtivas no campo. Esse crescimento está fortemente associado às agroindústrias, especialmente nos setores alimentício, de móveis, papel e celulose.

Entre os fatores que impulsionam esse processo, destacam-se a insuficiência de renda proveniente das atividades agrícolas, a mecanização da produção, as condições climáticas adversas e a desmotivação dos jovens em permanecer no campo. Além disso, a ampliação de atividades não agrícolas tem sido apontada como alternativa para a permanência das mulheres no meio rural, diante da histórica invisibilidade de seu trabalho e de sua limitada participação nos processos decisórios (Schneider, 2010; Spanevello et al., 2019; Duarte et al., 2021).

Nesse sentido, Paulilo (2013) destaca que as estatísticas frequentemente subestimam a contribuição feminina no meio rural, uma vez que muitas mulheres não distinguem o trabalho produtivo das atividades domésticas, compreendendo ambos como parte de um mesmo espaço de atuação.

Essa herança histórica também se reflete na baixa participação das mulheres na gestão das propriedades rurais. No Brasil, apenas 19% dos estabelecimentos rurais são chefiados por mulheres, sendo esse percentual ainda menor na Região Sul (IBGE, 2019). No Rio Grande do Sul, as mulheres estão à frente de aproximadamente 12% das propriedades da agricultura familiar (IBGE, 2019).

Apesar desse cenário, observa-se um crescente protagonismo feminino no meio rural, especialmente no âmbito das agroindústrias familiares (Breitenbach; Foresti; Cislighi, 2025). As mulheres passam a assumir funções estratégicas na produção, gestão e comercialização, contribuindo para a redefinição da divisão sexual do trabalho (Brumer, 2004).



De acordo com Siliprandi (2015), a inserção das mulheres em atividades produtivas está associada à busca por autonomia econômica, reconhecimento social e valorização de seus saberes. Nesse contexto, a agroindustrialização configura-se como um espaço privilegiado de atuação feminina, ao articular dimensões produtivas, culturais e identitárias.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar as principais motivações que levam mulheres rurais à criação de agroindústrias familiares.

2. Revisão da Literatura

2.1 Agricultura familiar e estratégias de diversificação

A agricultura familiar, conforme o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS, 2013), caracteriza-se como uma forma de produção em que os agricultores familiares conduzem o processo produtivo, utilizando predominantemente mão de obra familiar, podendo recorrer, quando necessário, ao trabalho assalariado.

No contexto produtivo brasileiro, dados dos Censos Agropecuários de 2006 e 2017 indicam que a agricultura familiar concentra a maior parte dos estabelecimentos rurais do país, desempenhando papel significativo na geração de empregos vinculados às atividades agropecuárias, artesanais e agroindustriais, tanto no meio rural quanto urbano (IBGE, 2019).

As atividades desenvolvidas nesse segmento abrangem desde a produção de alimentos até sua comercialização e consumo final. Nesse sentido, incluem-se modalidades como a produção orgânica, a agroindustrialização e, mais recentemente, a agricultura urbana, que vem se expandindo em função da crescente demanda por alimentos mais saudáveis e pela busca de fontes complementares de renda (Delgado; Bergamasco, 2017). A comercialização, por sua vez, ocorre, em geral, por meio de mercados locais, feiras de produtores, vendas diretas e circuitos curtos de comercialização (Schneider, 2010).

De acordo com Schneider (2010), a agricultura familiar contemporânea tem se caracterizado pela adoção de estratégias de diversificação produtiva, entre as quais se destaca a agroindustrialização. Esse processo possibilita não apenas a agregação de valor à produção, mas também a inserção em mercados diferenciados e o fortalecimento da autonomia econômica das famílias. Nesse contexto, a agroindústria familiar configura-se como uma importante estratégia de reprodução social, contribuindo para a permanência das famílias no meio rural.



2.2 Mulheres rurais e divisão sexual do trabalho

Apesar de as mulheres representarem a maioria da população brasileira, correspondendo a 51,5% dos habitantes (IBGE, 2022), sua participação no mercado de trabalho ainda é marcada por desigualdades, realidade que também se reproduz no meio rural.

Historicamente, o trabalho feminino no campo foi associado às atividades domésticas e reprodutivas, sendo frequentemente marcado pela invisibilidade e considerado como auxiliar às atividades produtivas desempenhadas pelos homens (Brumer, 2004; Paulilo, 2013). Essa divisão sexual do trabalho contribuiu para a subvalorização da atuação das mulheres, mesmo quando participavam diretamente da produção agrícola.

Nas últimas décadas, contudo, observa-se um processo de transformação, marcado pelo crescente protagonismo feminino no meio rural. Esse movimento está relacionado a mudanças demográficas, como a redução do tamanho das famílias e o aumento de arranjos familiares chefiados por mulheres, bem como à ampliação do acesso a políticas públicas e oportunidades produtivas (Pinto, 2012; Chini *et al.*, 2023).

As mulheres rurais atuam em diversas etapas da produção, desde o cultivo até a comercialização, desempenhando papel fundamental na segurança alimentar e na economia agrícola. Em nível global, dados da FAO indicam que as mulheres são responsáveis por uma parcela significativa da produção de alimentos, podendo chegar a mais da metade em determinados contextos (FAO, 2011). No entanto, ainda persistem desigualdades no acesso a recursos produtivos, renda e reconhecimento social (FAO, 2011).

No Brasil, cerca de 15 milhões de mulheres vivem no meio rural, representando aproximadamente 47,5% da população rural (IBGE, 2019; BRASIL, 2024). Ainda assim, os rendimentos médios femininos permanecem inferiores aos masculinos, evidenciando desigualdades estruturais (BRASIL, 2019). Dados do Censo Demográfico de 2022 indicam que as mulheres auferem renda média mensal de R\$ 2.506,20, enquanto os homens apresentam rendimento médio de R\$ 3.115,29 (IBGE, 2026), evidenciando a permanência de disparidades de gênero no mercado de trabalho, inclusive no meio rural.

Nesse cenário, políticas públicas como o Pronaf Mulher, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) têm desempenhado papel importante no fortalecimento da participação feminina, ao ampliar o acesso ao crédito, aos mercados institucionais e às oportunidades de comercialização. Conforme destacam Siliprandi e Cintrão (2011), tais políticas contribuem para a valorização



do trabalho das mulheres, ainda que persistam desafios para a consolidação de sua autonomia econômica.

Apesar dos avanços, as mulheres continuam enfrentando múltiplas desigualdades, incluindo a sobrecarga de trabalho decorrente da dupla jornada e as limitações no acesso a recursos produtivos (Cleps; Marques; Vasconcelos, 2020). Nesse sentido, o empoderamento feminino no meio rural depende não apenas da ampliação de políticas públicas, mas também da transformação das estruturas sociais que sustentam a desigualdade de gênero (FAO, 2023).

Diante desse contexto, a inserção das mulheres em atividades não agrícolas, como a agroindustrialização, apresenta-se como alternativa relevante para a geração de renda, valorização do trabalho feminino e fortalecimento de sua autonomia (Schneider, 2010; Ney; Hoffmann, 2008).

2.3 Protagonismo feminino e fatores de inserção na agroindustrialização rural

Gazolla (2013) aponta que a participação das mulheres rurais historicamente esteve associada a atividades consideradas “auxiliares”, muitas vezes marcadas pela invisibilidade. No entanto, transformações recentes têm ampliado o protagonismo feminino, especialmente em atividades que envolvem processamento e comercialização de alimentos. Esse movimento representa uma reconfiguração das relações de gênero no meio rural.

Nesse contexto, Siliprandi (2011) argumenta que o empreendedorismo feminino rural não pode ser compreendido apenas sob a ótica econômica, devendo considerar também dimensões sociais, culturais e identitárias. A inserção das mulheres nessas atividades está associada à busca por autonomia financeira, reconhecimento social, valorização de saberes tradicionais e fortalecimento da identidade no meio rural.

No âmbito das agroindústrias familiares, esse processo ocorre em meio a múltiplos desafios. Breitenbach, Foresti e Cislighi (2025) destacam que a trajetória dessas unidades produtivas envolve limitações financeiras, tecnológicas e de acesso a mercados, configurando uma dinâmica complexa que exige constante adaptação. Ao mesmo tempo, tais empreendimentos apresentam características próprias, como a centralidade da família, a valorização da tradição, a criatividade produtiva e a construção de relações próximas com consumidores e fornecedores.

Entretanto, a inserção das mulheres na agroindustrialização também revela discrepâncias. Isso porque, conforme Boni (2005), o trabalho feminino frequentemente ultrapassa a dupla jornada, combinando atividades produtivas e domésticas, muitas vezes sem



o devido reconhecimento. Nesse sentido, a agroindustrialização pode ser naturalizada como extensão do trabalho doméstico, contribuindo para a sobrecarga e a desvalorização da atuação feminina.

Por outro lado, a inserção em atividades não agrícolas, como a agroindustrialização, configura-se como importante estratégia de diversificação produtiva e geração de renda. De acordo com Schneider (2010), essas atividades contribuem para a reprodução social das famílias rurais, ao ampliar as fontes de renda e possibilitar investimentos na propriedade. Ademais, conforme Souza e Silva (2011), a participação das mulheres nas agroindústrias fortalece sua autonomia, autoestima e capacidade de decisão, contribuindo para a superação de relações desiguais de poder e para a permanência no meio rural.

3. Metodologia

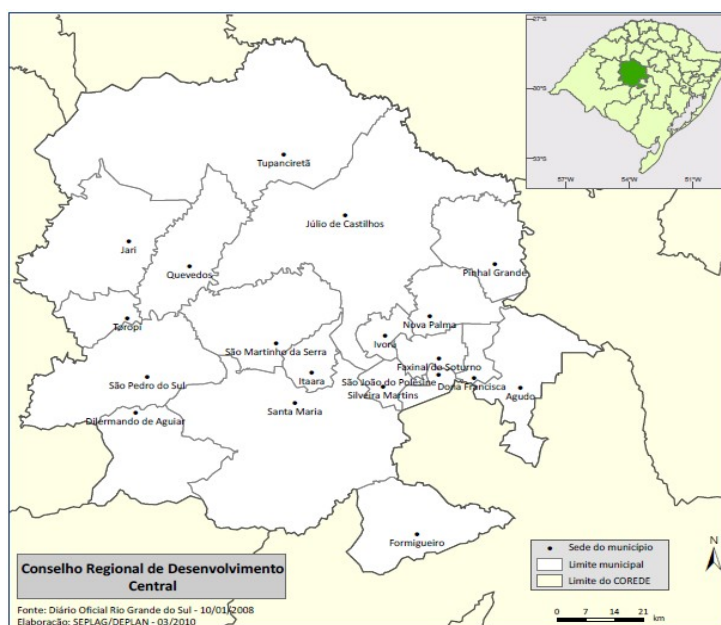
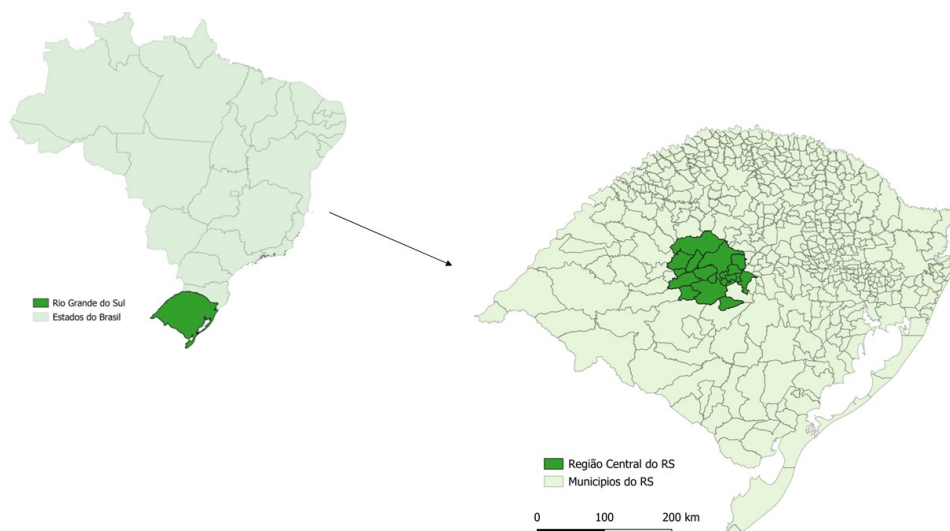
A abordagem foi qualitativa e do ponto de vista de seus objetivos, explicativa, na medida em que aproxima a pesquisadora com a realidade e os sujeitos que fazem parte do tema objeto de análise (Gil, 2002).

Para o espaço geográfico da pesquisa, elegeu-se o COREDE - Centro do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), composta por 19 municípios, entre eles: de Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Ivorá, Itaara, Jari, Júlio de Castilhos, Nova Palma, Pinhal Grande, Quevedos, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, Silveira Martins, Toropi, Tupanciretã, conforme figura abaixo. A escolha do COREDE-Centro do Rio Grande do Sul como recorte territorial desta pesquisa, justifica-se pela presença da agricultura familiar e relevância das agroindústrias familiares como estratégia de geração de renda, diversificação produtiva e reprodução socioeconômica das famílias rurais.

Figura 1: Espaço geográfico da pesquisa.



XVI World Congress of Rural Sociology 64th Congress of the Brazilian Society of Rural Economics, Management and Sociology



Fonte: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/conselhos-regionais-de-desenvolvimento-coredes>

A obtenção de informações referentes as agroindústrias presentes na região, foi através da Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul, por meio do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF), e da Emater/RS-Ascar, escritório regional de Santa Maria. Ao todo, foram identificadas 83 agroindústrias distribuídas em 19 municípios, sendo que apenas o município de Quevedos não possui unidades cadastradas.

A partir dessa base de dados, e com o apoio da Emater, foram selecionadas as agroindústrias que atendiam aos critérios da pesquisa, ou seja, unidades legalizadas e com participação de mulheres tanto na produção quanto na gestão. Verificou-se que nem todos os municípios da região do COREDE-Centro/RS possuem agroindústrias com essas características.



XVI World Congress of Rural Sociology 64th Congress of the Brazilian Society of Rural Economics, Management and Sociology

Os municípios de: Dilermando de Aguiar, Ivorá, Itaara, Pinhal Grande, Quevedos, Santa Maria, São Martinho da Serra e Toropi não possuem agroindústrias com as características propostas no presente estudo. Por outro lado, 11 municípios possuem agroindústrias com estas características. Assim, 21 agroindústrias, localizadas em 11 municípios, do COREDE-Centro do RS, atenderam ao objetivo da pesquisa. Como pode-se observar, cinco municípios, possuem mais de uma agroindústria, entre eles, Faxinal do Soturno, Formigueiro, São João do Polêsine, São Pedro do Sul e Tupanciretã, enquanto seis municípios possuem apenas uma.

Quadro 1: Relação de agroindústrias analisadas neste estudo.

MUNICIPIO	AGROINDUSTRIA	PROCESSAMENTO	DATA INCLUSÃO
Agudo	Granja avícola agudense	Ovos	21/12/2021
Dona Francisca	Brot Haus	Panificados	24/9/2019
Faxinal do Soturno	Azienda Bastiani alimentos	Geleias e conservas vegetais	7/01/2020
Faxinal do Soturno	Dete	Panificados	24/12/2013
Faxinal do Soturno	Delícias do Sítio	Panificados	11/4/2013
Faxinal do Soturno	Cervo, produtos coloniais	Panificados	4/1/2013
Faxinal do Soturno	Serrana	Mandioca descascada, geleia de frutas	9/12/2021
Faxinal do Soturno	Mel Dalla Corte	Mel	2/6/2022
Formigueiro	Sabores da estancia	Morango congelado, mandioca congelada	22/11/2023
Formigueiro	Cassol e Chaves	Linguiça colonial, seca, congelada, seca defumada	25/6/2024
Jari	Sítio Sol Nascente	Panificados -pães cucas bolachas, bolos e rapaduras	11/1/2018
Júlio de Castilhos	Doce recanto da Sabrina	Panificados, tortas, panetones	22/9/2021
Nova Palma	Al carnes	Cortes bovinos diversos	15/8/2019
São João do Polêsine	Delícias de cana de açúcar	Rapaduras de melado	14/12/2015
São João do Polêsine	Laticínio Fazedouro	Queijo colonial	14/3/2018
São Pedro do Sul	Tilasul	Filé de pescado	8/7/2024
São Pedro do Sul	Agroindústria de compotas e conservas	Compotas, conservas, geleias, chimias	16/7/2024
Silveira Martins	Cláudia & Cláudia	Panificados – pão, bolachas	22/10/2014
Tupanciretã	Tiarajú	Mandioca descascada, polpa de frutas	27/10/2021
Tupanciretã	Trein	Mandioca descascada, olerícolas congeladas	16/3/2022
Tupanciretã	Sabor de casa	Panificados -pão cuca bolacha	22/06/2017

Fonte: Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul - Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF) e da Emater, escritório regional de Santa Maria.

Os produtos beneficiados pelas agroindústrias que fazem parte deste estudo são diversificados. O ramo de atuação de panificados é o que possui um maior número, tendo oito



agroindústrias de processamento; quatro agroindústrias seguem o processamento de mandiocas descascadas, três trabalham na produção de geleias (sendo uma, do município de Faxinal do Soturno - em comum com a produção de mandiocas); as demais, trabalham com a produção de ovos, mel, linguiça colonial, cortes bovinos, rapaduras, queijo colonial, filé de pescado, morango congelado (esta, na cidade de Formigueiro, que também produz mandioca descascada).

A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas, de interrogação direta, face a face (Creswell; Creswell, 2021; Marconi; Lakatos, 2021). Foram entrevistadas 21 mulheres rurais, inseridas em 20 agroindústrias familiares, do COREDE-Centro do RS, com idades entre 27 e 71 anos. Apenas uma agroindústria não se disponibilizou a responder a entrevista. A relação inicial continha 21 agroindústrias, porém, considerando que uma das agroindústrias apresentava a particularidade de ter duas mulheres a frente na gestão, as duas foram entrevistadas, totalizando 21 entrevistas neste estudo.

Para a realização das entrevistas, foram realizados contatos prévios com a Emater das respectivas cidades, convidando para participar das entrevistas e, a partir disso, foram realizados os agendamentos e visitas até as propriedades, agroindústrias e/ou locais de comercialização. Os dados foram colhidos de forma presencial, através de entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas, para uma melhor análise dos resultados. As entrevistas foram realizadas nos meses de abril, maio e início de junho do ano de 2025, todas, de forma presencial, as quais duravam em torno de 30 minutos cada uma.

Na oportunidade das entrevistas, foi apresentado o TCLE as participantes, esclarecendo seus termos e solicitando que concordassem com as informações dispostas na pesquisa. Todas as participantes assinaram e concordaram com os termos dispostos, assentindo, inclusive, com os registros de imagens e gravação das entrevistas. Foi assegurado a todas as mulheres participantes o anonimato em suas respostas, as quais foram tratadas em seu conjunto. Na descrição dos resultados da pesquisa, as agroindústrias foram identificadas por números, no intuito de respeitar a ética e preservar a identidade das entrevistadas. Importante destacar que o projeto de pesquisa foi enviado e aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria – CAAE n. 88749925.3.0000.5346.

Após a coleta dos dados das entrevistas, estes foram sistematizados e analisados através da análise de conteúdo. As fases de análise de conteúdo serão realizadas de acordo com o modelo apresentado por Bardin (2016), um conjunto de técnicas voltadas à análise das comunicações, fundamentado em procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do



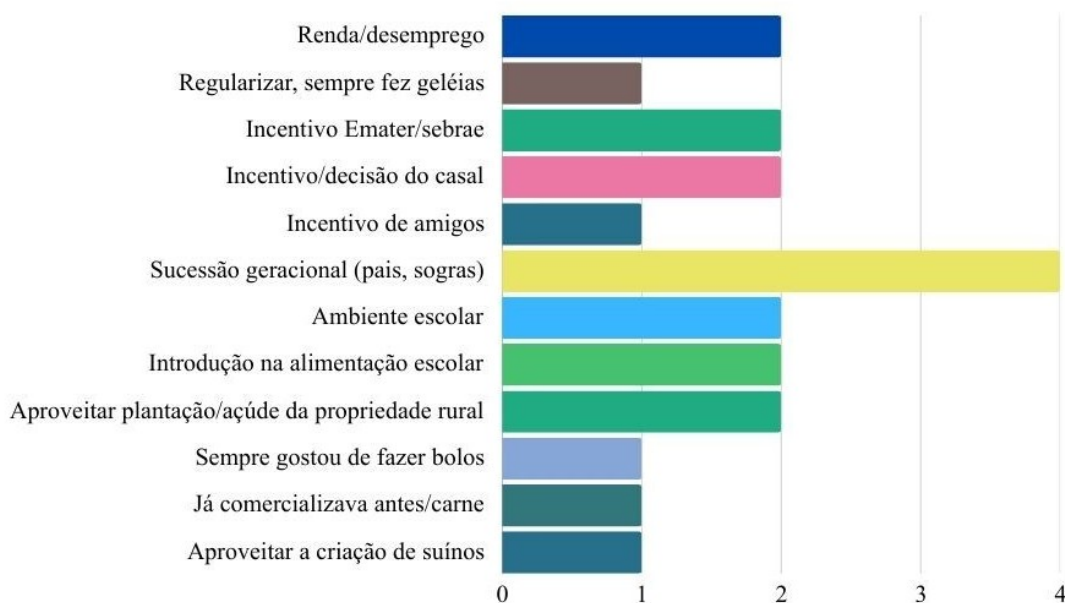
conteúdo das mensagens. Com isso os indicadores podem assentir a conclusão sobre os conhecimentos adquiridos, de acordo com as pesquisas realizadas (Bardin, 2016).

4. Análise de Resultados

4.1 Motivação e processamento dos produtos

As 21 mulheres protagonistas deste estudo, apesar de únicas em sua existência, compartilharam características comuns, onde se pode observar, histórias inspiradas em famílias que se perpetuam através de receitas, passadas de geração em geração, conforme pode-se perceber a seguir. Ao serem questionadas a respeito da motivação para iniciar as atividades na agroindústria, observou-se diferentes causas que ensejaram o início de cada agroindústria pesquisada, conforme figura 2:

Figura 2: Principais motivações para criação das agroindústrias.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa (2025).

A agroindústria 1, relata que começou a produzir na cozinha de casa para o aniversário dos filhos, inclusive, deixou claro que não teve conhecimentos passados de geração em geração, pois não gostava de cozinhar. Iniciou suas produções a partir do momento que sentiu a necessidade de realizar alguma atividade por si, já que, antes, ficava “apenas” cuidando de



casa e filhos. Foi, assim, que verificou na agroindústria uma oportunidade de trabalhar e ainda ajudar no sustento da família.

Algumas entrevistadas relataram que sempre produziram geleias e resolveram regularizar; outras, deram seguimento a regularização da agroindústria, por incentivo da Emater. Seis das entrevistadas, foram residir na propriedade da família de seus maridos, fato que pode estar relacionado a sucessão e transmissão de patrimônio na agricultura familiar. De um modo geral, o filho homem como sucessor, da sequência ao trabalho dos pais na propriedade rural e, muitas vezes, será responsável pelos seus cuidados na velhice (Spanevello; 2008; Paulilo, 2004). Nestes casos, recai sobre as mulheres (noras), os cuidados sobre os sogros idosos (Herrera, 2019).

No momento da pesquisa de campo, verificou-se que 7 entrevistadas foram residir nas propriedades dos maridos (cinco por herança e duas a propriedade ainda é do sogro), três delas, agroindústria 10, agroindústria 15 e agroindústria 18, mencionaram residir com as sogras. Apesar disso, em nenhum desses casos referiu-se sobre cuidados com os idosos residentes nas propriedades, até porque, este não era objeto da pesquisa.

A agroindústria 10, agroindústria 18 e agroindústria 19 deram início as atividades, motivadas pela sogra. No caso da agroindústria 10, esta criou a agroindústria inspirada na sogra que produzia queijos, embora ela refira expressamente na entrevista que a sogra não queria que ela trabalhasse com queijos em razão de “dar muito trabalho”. A agroindústria 18, por sua vez, reside com a sogra e a sucede na agroindústria, juntamente com a concunhada agroindústria 19.

A agroindústria 15, apesar de residir com os familiares do companheiro, criou a agroindústria juntamente com este, de forma totalmente independente da família. A ideia dela e do companheiro para iniciar a produção das tilápias, partiu de, “como aproveitar o açude existente dentro da propriedade”. A partir disso, resolveram vender os peixes vivos. Porém, ao observarem que não tinham muita saída, verificaram que “fazer os filés era a alternativa”. Hoje, faturam em torno de R\$ 40.000,00, mensais, na agroindústria, com a venda dos filés de pescado.

De outro modo, a agroindústria 21 refere que é a sogra, e que a nora e o filho trabalham junto com ela na agroindústria, dividindo todas as tarefas. Na oportunidade da entrevista, a agroindústria 21 se encontrava na feira do produtor do município, a qual ocorre todas as sextas – feiras, na parte da manhã. Foi assim que contou ter dado início as suas atividades, vendendo nas feirinhas e merendas escolares.



Ainda observando as diferentes motivações para criação das agroindústrias, a agroindústria 8 conta que, após ficar desempregada, abrir a agroindústria foi a alternativa encontrada para fazer as cucas que sabia fazer, e ao mesmo tempo ganhar dinheiro, ajudando na manutenção da família. Neste ponto, observa-se que fatores como o desemprego e a instabilidade do trabalho agrícola, justificam, muitas vezes, a inserção em atividades não agrícolas no meio rural como uma estratégia fundamental (Costa; Vieira Filho, 2020).

Os autores afirmam que a ocorrência de desemprego severo no campo brasileiro, associada a fatores como escolaridade, programas de transferência de renda e vínculos familiares, impulsiona a busca por alternativas de trabalho fora da agricultura. Nesse sentido, estudos de Balsadi e Del Grossi (2016) evidenciam que, entre 2004 e 2014, houve ampliação das ocupações não agrícolas, configurando-se complemento de renda, além alternativa para trabalhadores que não encontravam colocação na produção agrícola.

A agroindústria 14, de outro modo, relata que aproveitou a grande demanda de produtos da propriedade (como por exemplo, os pepinos) como uma oportunidade de fazer conservas. Assim, após um curso oferecido pela prefeitura, abriu a sua agroindústria, que, inclusive, é localizada em um espaço cedido pela prefeitura.

Outra situação é a agroindústria 6, uma senhora muito espontânea; referiu que fazia suas rapaduras desde solteira, após, passou a fazer para os filhos levarem na escola. Então, foi se espalhando a fama da “boa rapadura”, decidindo, assim, fazer para vender. De forma semelhante, a agroindústria 12 também menciona que foi no ambiente escolar que partiu a ideia de fazer as bolachas, tendo o incentivo dos colegas de que “alemão faz comida boa”.

O caso da agroindústria 7 é um pouco diferente, ela possui uma das agroindústrias com maior tempo de atividade, há 17 anos, tendo em vista que sucede o negócio dos pais e da irmã. Depois dos pais, a irmã e ela assumiram, porém, após o falecimento da irmã, tomou conta do negócio, estando com a agroindústria em constante expansão.

Diante dos resultados obtidos, pode-se perceber, que as agroindústrias tiveram a motivação para início das atividades, decorrentes de diversos fatores. Algumas, por necessidade de realizar outras atividades e ter renda, uma conta que o desemprego que motivou a assumir outra atividade, oportunidade em que aproveitou o que já sabia fazer, outras, contaram que resolveram aproveitar a produção da propriedade rural, ou mesmo o espaço (açude) existente na propriedade. O ambiente escolar também foi mencionado como fonte de inspiração para a criação de agroindústrias, seja pela “fama” da boa merenda dos filhos, seja pelos colegas incentivando para auxílio nos estudos.



De outro modo, algumas entrevistadas tiveram motivação em seus antepassados, pois a produção de produtos ocorre inspiradas na sucessão geracional, algumas de familiares (avós, mães, tias), outras motivadas pela sogra. Observou-se que a motivação que mais entrevistadas relataram foi a sucessão geracional, onde 4 responderam que a motivação para criação ou continuidade foi através de familiares, entre eles, mães, avós e sogras.

Esse resultado dialoga com Schneider (2010), ao indicar que a agricultura familiar se estrutura a partir de processos de reprodução social, nos quais a continuidade das atividades produtivas está diretamente relacionada à manutenção da família no meio rural. Nesse contexto, a sucessão envolve não apenas a transferência de bens, mas também a transmissão de saberes, valores e modos de vida.

Nessa perspectiva, Spanevello *et al.* (2019) destacam que a sucessão rural está intimamente relacionada à permanência das novas gerações no campo, sendo influenciada pelas oportunidades de inserção produtiva e pela valorização das atividades desenvolvidas. A agroindustrialização, nesse sentido, pode atuar como estratégia relevante para tornar o meio rural mais atrativo, especialmente para mulheres, ao possibilitar novas formas de atuação e geração de renda.

Além disso, conforme Breitenbach, Foresti e Cislighi (2025), a agroindustrialização está associada à valorização de saberes tradicionais e à identidade territorial, sendo comum que práticas produtivas sejam herdadas e adaptadas ao longo das gerações. No caso das mulheres, essa transmissão assume características específicas, uma vez que muitos dos saberes relacionados à transformação de alimentos são historicamente construídos no espaço doméstico.

Siliprandi (2011) ressalta que o trabalho feminino no meio rural está profundamente vinculado à preservação de práticas culturais e à reprodução de conhecimentos tradicionais. Assim, a motivação baseada na sucessão geracional evidencia não apenas a centralidade da família, mas também o papel das mulheres como protagonistas na continuidade dessas práticas.

Dessa forma, a sucessão geracional configura-se não apenas como um fator motivacional, mas como um processo social, cultural e econômico que contribui para a permanência das mulheres no meio rural e para o fortalecimento das agroindústrias familiares.



5. Considerações finais

Os resultados evidenciam que as motivações para a criação de agroindústrias familiares por mulheres rurais apresentam caráter multifatorial, refletindo em dimensões econômicas, sociais, culturais e institucionais. Nesse sentido, verifica-se que a decisão de empreender no meio rural não se limita à busca por geração de renda, mas envolve um conjunto complexo de fatores inter-relacionados, que incluem a valorização de saberes tradicionais, o fortalecimento de vínculos familiares e a construção de novas formas de inserção produtiva.

A sucessão geracional e a transmissão de conhecimentos entre diferentes gerações demonstram a centralidade da família na organização da produção, evidenciando que a agroindustrialização se constitui como continuidade de práticas historicamente construídas no meio rural. Ao mesmo tempo, a busca por autonomia financeira, reconhecimento social e maior participação nos processos decisórios reforça o protagonismo feminino, contribuindo para a redefinição das relações de gênero no campo.

Além disso, destaca-se o papel das políticas públicas e das instituições de apoio, como elementos fundamentais para viabilizar a inserção das mulheres na agroindustrialização, ao proporcionar acesso a mercados, crédito e capacitação. Ainda assim, persistem desafios relacionados à sobrecarga de trabalho, à desigualdade no acesso a recursos produtivos e à necessidade de maior valorização do trabalho feminino.

Dessa forma, as agroindústrias familiares configuram-se como espaços estratégicos de transformação social, promovendo não apenas a geração de renda, mas também o empoderamento feminino, a valorização da identidade territorial e o fortalecimento da agricultura familiar. Ao possibilitar a permanência das mulheres no meio rural e ampliar suas oportunidades de atuação, essas iniciativas contribuem para o desenvolvimento rural sustentável.

Por fim, sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a análise das relações entre gênero, sucessão geracional e agroindustrialização, bem como investiguem os impactos dessas iniciativas na autonomia econômica e na qualidade de vida das mulheres rurais.



Referências

BALSADI, O. V.; DEL GROSSI, M. E. *Trabalho e emprego na agricultura brasileira: um olhar para o período 2004–2014*. **Revista/Embrapa** (Série RPA), 2016. Disponível em <https://rpa.sede.embrapa.br/RPA/article/view/1204/1027>. Acesso em 24 mar. 2026.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições. 2016.

BARROS, G. S. C.; ALMEIDA, N. A.; CASTRO, N. R. Atividades agrícolas e não agrícolas por residentes rurais e urbanos—o emprego rural não agrícola e o papel da agroindústria. **Piracicaba: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**, 2019. Disponível em: [https://www.cepea.org.br/upload/kceditor/files/Cepea_atividades%20agricolas\(1\).pdf](https://www.cepea.org.br/upload/kceditor/files/Cepea_atividades%20agricolas(1).pdf). Acesso em 24 mar. 2026.

BONI, V. **Produtivo ou reprodutivo: o trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região Oeste de Santa Catarina**. Orientadora: Prof. Dra. Maria Ignez Silveira Paulilo. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). UFSC, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102731>. Acesso em 23 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Mulheres rurais se destacam em diferentes atividades e buscam acesso a direitos**. Publicado, 2019. Atualizado, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/mulheres-rurais-se-destacam-em-diferentes-atividades-e-buscam-visibilidade-para-seus-direitos>. Acesso em 23 Mar.2026

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. **Conheça o pacote de ações do MDA destinado ao estímulo e valorização das agricultoras familiares, 2024**. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/noticias/2024/03/conheca-o-pacote-de-acoes-do-mda-destinado-ao-estimulo-e-valorizacao-das-agricultoras-familiares>. Acesso em 23 mar. 2026.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate a Fome - MDS, 2013. **Programa de aquisição de alimentos**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/aceso-a-informacao/comunicabr/lista-de-acoes-e-programas/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa>. Acesso em 24 mar. de 2026.

BREITENBACH, R.; FORESTI, A.; CISLAGHI, T.P. **Cultivando Estratégias: Um Framework para competitividade nas agroindústrias familiares**. Mestrado em Viticultura e enologia. IFFAR, RS. Bento Gonçalves, 2024. 1^a ed.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, p.205 - 227, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>



XVI World Congress of Rural Sociology 64th Congress of the Brazilian Society of Rural Economics, Management and Sociology

CHINI, A. *et al.* Agronegócio e gênero: a categoria feminina na operacionalização das propriedades rurais. **Revista Inovação–Gestão e tecnologia no Agronegócio**, v. 2, p. 2764-9199, 2023. Disponível em <https://revistas.uceff.edu.br/inovacao/article/view/240>. Acesso em 24 mar. 2026.

CLEPS, G.D.G; MARQUES, L.A; VASCONCELOS, A.C. V. H. Reflexões sobre o papel das mulheres na economia solidária. **Revista em extensão**, 2020, p. 53-63.
<https://doi.org/10.14393/REE-2020-54372>.

CONSELHOS REGIONAIS DE DESENVOLVIMENTOS (COREDES). Corede Central. Disponível em: <file:///C:/Users/angel/Downloads/25155752-mapa-corede-central-2010.pdf>. Acesso em 20 de mar. de 2026.

COSTA, E. M.; VIEIRA FILHO, J. E. R. *Desemprego severo no meio rural brasileiro*. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 14, n. 1, p. 1–25, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/61663/1/2020_art_emcosta.pdf. Acesso em 24 mar. 2026.

CRESWELL, J.W; CRESWELL. J. D. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 5ª edição. 2021.

DUARTE, L. C. *et al.* A diversidade dos arranjos sucessórios em propriedades rurais não agrícolas no noroeste do Rio Grande do Sul. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, [S. l.], v. 11, p. 1–20, 2021. DOI: [10.24302/drd.v11.3166](https://doi.org/10.24302/drd.v11.3166).

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **The role of women in agriculture**. 2011. Disponível em: <https://www.fao.org/4/am307e/am307e00.pdf>. Acesso em 23 Mar. 2026.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **The state of food security and nutrition in the world**. 2023. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/1f66b67b-1e45-45d1-b003-86162fd35dab/content>. Acesso em: 23 Mar. 2026.

GAZOLLA, M. Redefinindo as agroindústrias no Brasil: uma conceituação baseada em suas condições alargadas de reprodução social. **Revista IDEAS (Online)**, v. 7, n. 2. P.62-95. 2013. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/109/108>. Acesso em 24 mar. 2026.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HERRERA, K. M. **A jornada interminável: a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais**. Orientador: Profª Drª Maria Ignez Silveira Paulilo. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204552?show=full>. Acesso em 25 mar. 2025.



XVI World Congress of Rural Sociology
64th Congress of the Brazilian Society of Rural
Economics, Management and Sociology

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agropecuário**. Resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-agropecuário.html>. Acesso em 22 de Mar. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agro 2017**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/10180/1645386/Mulheres+Rurais+-+Censo+Agro+2017/fc59f4c6-c94d-6b78-887d-5a64b1a70a7d>.
MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E.M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 9^a ed. 2021. Acesso em 22 de Mar. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mulheres no Censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR&tema=16>. Acesso em 30 de Mar. de 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2022. **Conheça o Brasil- População. Quantidade de Homens e Mulheres**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Os%20resultados%20do%20Censo%20Demogr%C3%A1fico,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20residente%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em 22 de Mar. 2026.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M., Metodologia do trabalho científico. 9^a ed. 2021.

NEY, M. G.; HOFFMANN, R. A Contribuição das atividades agrícolas e não-agrícolas para a desigualdade de renda no Brasil rural. **Revista de Economia Aplicada**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 365-393, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-80502008000300002>.

PAULILO, M, I, S. FAO, Fome e Mulheres Rurais. **Dados**, v. 56, p. 285-310, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000200002>

PAULILO, M. I. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100012>.

PINTO, S. M. **Direito do Trabalho**. São Paulo: Atlas. 2012.

RIO GRANDE DO SUL. **Programa Estadual de Agroindústria Familiar**. 2015. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202002/06092217-cartilha-programa-estadual-de-agroindustria-familiar-peaf-2015.pdf>. Acesso em 3 set. 2025.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**, 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.



SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R. As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Segurança Alimentar e Nutricional**. Campinas, v. 18, n. 2, p. 13-32, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634675>. Acesso em 23 out. 2025.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Editora UFRJ, 2015. Disponível em: https://alimentacaosaudavel.org.br/wp-content/uploads/2022/11/69.Mulheres_e_agroecologia_transformando_o_campo_as_florestas_e_as_pessoas.pdf. Acesso em 31 out. 2025.

SOUSA, R. E. M.; SILVA, M. G. S. N. Mulher: a quebra do paradigma da função reprodutiva. **Revista Geografares**. N. 10, 2011. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/369/2019/10/MULHER-A-QUEBRA-DO-PARADIGMA-DA-FUN%C3%87%C3%83O-REPRODUTIVA.pdf>. Acesso em 21 set. 2025.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. Orientadora: Anita Brummer. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/16024>. Acesso em 2 jul. 2025.

SPANEVELLO, R. M. *et al.* Mulheres rurais e atividades não agrícolas no âmbito da agricultura familiar. **Desenvolvimento em questão**, v. 17, n. 48, p. 250-265, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2019.48.250-265>.